



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15663 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

**NARRATIVAS DOCENTES EM EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO DE SI**

Vaneza Silva da Rosa - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Elisete Regina Groff - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Felipe Gustsack - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

### **NARRATIVAS DOCENTES EM EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO DE SI**

O presente texto delinea-se de uma pesquisa de Doutorado em Educação e apresenta a discussão em torno das narrativas de um grupo de seis professoras que atuavam em duas escolas municipais do Vale do Rio Pardo, no estado do Rio Grande do Sul, focalizando os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Educação Especial. O material empírico resultou da escrita de diários de campo e de encontros *online* na plataforma do *Google Meet*. Os diários de campo, escritos pelas professoras, foram a ferramenta metodológica da pesquisa de Doutorado em Educação, sendo aqui o foco das discussões referentes às narrativas e experiências dessas professoras. Assim, os diários de campo possibilitaram a discussão do objetivo de problematizar as narrativas docentes das suas experiências de cuidado de si. Por meio dos diários as professoras narraram os seus trajetos pessoais e formativos, constitutivos de si e de suas docências.

Para problematizar as experiências de cuidado de si, fomos levados a adentrar nas narrativas dessas seis professoras, tornando-se significativo pensar na ação laboral (Sennett 2009) das mãos como corpos integrantes das narrativas. Neste estudo, portanto, as mãos que narraram não foram consideradas unicamente como partes integrantes da anatomia de um corpo humano, mas também como extensões das suas vidas que contemplaram, em seus gestos, modos de existência na estética de seus modos de ser e das docências e seus saberes. Nesse sentido, problematizamos as narrativas de cada professora como encontros singulares consigo mesmas, uma manifestação de sua arte existencial, “[...] na qual o autor, narrador e o personagem são a mesma pessoa” (Larrosa, 2011, p.70).

Tomando essas ideias como porto de partida, a problematizamos: como um grupo de

professoras narra as suas experiências de cuidado de si, ao se disporem a expressar elementos motivadores de sua atuação junto aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e à Educação Especial em duas escolas municipais do Vale do Rio Pardo, no estado do Rio Grande do Sul? Para conversar com essa questão, compreendemos o cuidado de si, inspirados nos estudos de Michel Foucault (2006, p. 4) para quem essa concepção é “uma noção grega bastante complexa e rica, muito frequente também, e que perdurou longamente em toda a cultura grega: *Epiméleia heautoú* é o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo”.

Pautados nesses argumentos, destacamos os diários de campo como ferramenta metodológica viável às narrativas das experiências de cuidado de si, compreendendo que trazem “subjacente a ideia de que nossas lembranças, assim como outras dimensões de nossas subjetividades, não são entidades *prontas e acabadas* à espera de serem apresentadas ao mundo no ato narrativo; ao contrário, estão sempre abertas à revisão, podendo ser continuamente recriadas” (Bruner, 1997b, Apud Silva; Silva e Zanin, 2019, p. 14).

Para compor essas narrativas foram realizados três encontros *online* na plataforma *Google Meet* com as professoras, seguindo orientações da Carta Circular nº1/2021, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) quanto a procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, viabilizando a segurabilidade e direitos dos sujeitos participantes, bem como a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, que traz definições dos procedimentos para as pesquisas envolvendo seres humanos. Além disso, também foram considerados os estudos de Oliveira (2021), que integram o e-book *Ética e pesquisa em Educação da Anped* (2021).

Assim, o fazer ético esteve presente na acolhida das participantes em suas diferenças e modos de posicionamentos e expressões. Diferenças não vistas, exteriorizadas, não foram representações de dados concretos, e sim experiências sentidas na relação com o outro, havendo um cuidado com o seu modo de ser e de manifestar o seu pensamento, conforme a sua cultura, história, crenças, posições políticas e sociais.

Tais relações permitiram observar o encontro consigo mesmas dessas seis professoras, as quais tiveram as suas identificações nas palavras que elas mesmas escolheram para as capas dos seus diários de campo. As palavras escolhidas derivaram dos verbos ‘viver’, ‘vivenciar’, ‘educar’, ‘transformar’, ‘refletir’ e ‘encantar’, cujos sentidos integraram e inspiraram a produção de suas narrativas. Assim, as palavras identificadoras conduziram às experiências de cuidado de si, constituídas com os diários de campo e seus percursos formativos.

Nesse sentido, na tabela 1, a seguir, apresentamos as professoras **Vida, Vivências, Educação, Transformação, Reflexões, Encantamento**, com alguns dados referentes às suas atuações profissionais.

Tabela 1 – Professoras

<b>Nomeação</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação Acadêmica</b>	<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Anos de atuação</b>
<b>Vida</b>	31	Pedagogia Educação Infantil e Anos Iniciais	Escola Municipal de Ensino Fundamental	14
<b>Vivências</b>	38	Educação Especial	Escola de Educação Especial	4
<b>Educação</b>	46	Educação Especial	Escola de educação especial	8
<b>Transformação</b>	42	Pedagogia Anos Iniciais	Escola Municipal de Ensino Fundamental	20
<b>Reflexões</b>	55	Educação Especial	Escola Municipal de Ensino Fundamental	36
<b>Encantamento</b>	52	Pedagogia Educação Infantil e Anos Iniciais	Secretaria Municipal de Educação	30

Fonte: os autores.

No transcorrer das narrativas e seus deslocamentos de narrar-se a si mesmas, a partir dos verbos que provocaram outros gestos de suas mãos, as professoras se propuseram num exercício reflexivo de si mesmas, experienciar o cuidado de si, na escrita de si. Pois, como diz Foucault (2016, p. 66), "Escrever, no fundo, é tentar fazer fluir, pelos canais misteriosos da pena e da escrita toda a substância, não apenas da existência, mas do corpo, nesses traços minúsculos que depositamos sobre o papel". Nesse sentido, a escrita respira, se faz e se desfaz nas continuidades e descontinuidades da vida, no encontro de um outro materializado ou desejado para compor a singularidade humana.

Desse modo, as professoras deixaram-se levar ao fundo de suas recordações. Lá encontraram-se com imagens, lembranças que ao serem novamente gestadas em suas mãos e pensamentos, proporcionaram as experiências de cuidado de si. Pois, sabemos que

a recordação não é apenas a presença do passado. Não é uma pista, ou um rastro, que podemos olhar e ordenar como se observa e se ordena um álbum de fotos. A recordação implica imaginação e composição, implica um certo sentido do que somos, implica habilidade narrativa (Larrosa, 2011, p. 68).

Nessas recordações, as presenças trazem consigo os seus ensinamentos e afetos, as mãos começam a registrar a expressividade de quem se aproxima, contornando os detalhes da sua existência, num território marcado por singularidades. Estas comportam a estética das docências desse grupo de professoras, constituídas a partir das experiências de cuidado de si, gestadas por mãos que "[...] expressam a relação entre um saber-fazer, um saber-viver e um saber-viver-juntos" (Larrosa, 2018, p. 75). Gestos que transcendem os saberes normatizados em currículos, disciplinas, teorias, pois são fundamentados na ética e estética da vida.

A professora **Educação** resgata em suas recordações afetivas, uma professora que se tornou o referencial para ela, tocando a sua docência com gestos de pessoalidade: “*A minha vó era professora e eu tive uma ligação muito forte com a minha vó.* (Professora **Educação** - Diário de Campo).

Por sua vez, a professora **Encantamento** foi interpelada pela professora que a encantou: “[...]no dia do meu aniversário foi me visitar e levou de presente uma caixa com um talco e um sabonete “cashimer bouquet” eu simplesmente amei (professora **Encantamento** - Diário de Campo).

Contudo, se para Larrosa (2015) “[...] a experiência é para qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.” (Larrosa, 2015, p. 32), a narrativa da professora **Reflexões** sinaliza estes argumentos, provocando em si atitudes éticas, compondo uma maneira de ser em sua docência. “*Uma situação que me fez pensar em ser uma pessoa diferente e lutar para ser algo mais foi uma professora que eu tive nos anos finais. [...]Chegou, segurou o meu braço, arrancou as minhas pulseiras [...] e me disse: olha o jeito que tu vens para a escola*” (professora **Reflexões** - Diário de Campo).

Na continuidade dos gestos narrativos, a professora **Transformação** se apresenta inspirada numa história literária, na qual as palavras tornam possível a invenção de uma docência que mesmo não podendo ser vista em sua concretude, é sentida na relação inventiva com o outro. “*Era uma vez uma professora muito maluquinha. Na imaginação dos alunos ela “entrava voando” pela sala feito um anjo, ela tinha “estrelas no olhar”, tinha “voz e jeito de sereia”, o “sorriso era solto como passarinho*” (professora **Transformação** - Diário de Campo). Assim, possibilitou estar em uma “memória inventada, ficcionada e inventar outras formas de docência e de ser escola nestas contemporâneas formas de viver”. (Brancher; Oliveira, 2017, p.33).

Nos pensamentos reflexivos que se tornam presentes em vozes, palavras, cheiros, cores, gestos, a professora **Vida** sente saudade:

*Que saudade! No dia a dia do meu trabalho, por vezes, me “pego” pensando nos ensinamentos dados por ti. Nos momentos de planejamento, no dia a dia em sala de aula, no pensar e ser professora em meio a tantos percalços e burocracias, jogos políticos (professora **Vida** - Diário de Campo).*

No excerto da sua narrativa, a professora **Vida** anuncia fervorosamente a saudade de uma professora, que não é vista e nem presentificada em um corpo físico. Contudo, a professora **Vida** encontra a sua professora, tão estimada, viva em seu modo de ser. O tempo cronológico não apagou a sua existência, até porque a sua presença encontra-se no tempo dos sentidos. Um tempo enquanto experiência que nos toca e não marcado pelos ponteiros do relógio. Um tempo de lentidão, para sentir a presença de si e do outro. Olhar para si e deixar-se ser olhado pelo outro, um tempo para caminhar e saber apreciar o que

o trajeto apresenta. Um tempo que compõem o que Larrosa (2015, p. 25) contempla com relação à experiência:

A experiência requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Nas tessituras que movem o tempo da experiência, a professora **Vivências** chega para compartilhar os afetos, constituídos na sua docência, por mãos que expressaram, em seus gestos, a ação de ensinar com as singularidades humanas que desejam pensar e, ao mesmo tempo, sentir o que estão pensando:

*Na minha trajetória de vida, tive vários professores, que se fizeram importantes. Uns por se tornarem amigos pelo carinho para comigo e outros pela dedicação de não desistirem de mim.*

*Uma em especial foi minha professora de matemática do 1º ano do segundo grau, professora que se destacou por sua dedicação não somente comigo (professora **Vivências** - Diário de Campo).*

Com relação ao que se move nos afetos, Tardif (2014, p. 130) diz que: “Uma boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional. Baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar nos alunos, mas igualmente de perceber e de sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios afetivos”. Nas palavras do autor, enfatizamos que pelas vias afetivas do pensamento, as mãos articuladas nos afetos, puderam sentir mais uma vez os gestos da professora que deixou as suas marcas na constituição pessoal e profissional da professora **Vivências**.

Por fim, as professoras (d)escreveram as existências de outras professoras que as afetaram, inspiraram suas docências, deixando marcas em seus modos de ser de tal maneira que narraram a si próprias nas imagens dessas professoras. A escrita das narrativas não foi uma descrição da pessoa num contexto cronológico de acontecimentos, mas a experiência de estar num contexto de relação com o outro. No gesto da escrita, as palavras escolhidas compuseram no seu próprio modo de narrar, um sentido para si mesmas, no qual se possibilitou transformar-se nos gestos reflexivos de si e do outro. Os contornos e detalhes das narrativas, gestadas nas peculiaridades de narrar a si mesmas, refletiram-se nas palavras de conselhos, meditações, afetos, resistências e inquietações, servindo, primeiramente, a quem se remetia à narrativa. Por conta disso, as vozes ecoadas se faziam escutas para si, enquanto

escrita correspondente ao outro, voltada ao seu próprio remetente. Portanto, as experiências de cuidado de si, agiram como pontos de resistência e práticas de liberdade, operando no sentido da constituição dos saberes esculpidos por essas professoras nos modos de narrarem a si mesmas.

**Palavras-chave:** Educação. Docência. Narrativas. Experiência. Cuidado de si.

## Referências

BRANCHER, Roberto Vantoir; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. *Formação de professores em tempos de incertezas: imaginários, narrativas e processos autoformadores*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS*. Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Brasília: Conep, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.

BRUNER, Jerome. *Realidade mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Belo horizonte: Autêntica, 2016.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2011b. p. 35-84.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo horizonte: Autêntica, 2015.

LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê/sobre o ofício de professor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Alteridade e ética na Pesquisa. In: *ÉTICA e pesquisa em educação*. [S. l.: s. n.], 2021. v. 2.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Ivone Maria Mendes.; SILVA, Simone Cristina Dalbello da; ZANIN, Nauíra Zanardo. O uso de narrativas (auto) biográficas em pesquisas qualitativas. *Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades*, v. 6, n. 1, p. 11-33, 17 dez. 2019.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.